



**MULHERES EXTRATIVISTAS E SUSTENTABILIDADE NO MANEJO DE PFNMs:
o caso da Comunidade de São José do Rio Maniva**
***FEMALE EXTRACTIVISM AND SUSTAINABILITY IN NON-TIMBER FOREST
PRODUCT MANAGEMENT: A Riverside community case in Amazon***

**Grupo de Trabalho (GT): GT03. Comunidades tradicionais, comunidades costeiras,
saberes locais e territorialidade na Amazônia**

Lillian Eduarda da Silva e Silva – Universidade Federal do Pará, e-mail: lillianbastos77@gmail.com

Marinalva Cardoso Maciel – Universidade Federal do Pará, e-mail: marinalvamaciell@gmail.com

Gisele do Socorro S. Pompeu – Universidade Federal do Pará, e-mail: giselepompeu@ufpa.br

Resumo:

Este estudo investigou o papel do extrativismo de Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNMs) na sustentabilidade da comunidade São José do Rio Maniva, com foco no protagonismo feminino. Foram entrevistadas 13 mulheres extrativistas, analisando-se as dimensões social, econômica, ambiental e cultural da atividade. Os resultados mostram que a coleta de sementes, além de representar uma fonte complementar de renda, contribui significativamente para a autonomia das mulheres, o fortalecimento da organização comunitária e a conservação ambiental. Identificou-se, ainda, a valorização de saberes tradicionais e a transmissão intergeracional de conhecimentos. Conclui-se que o protagonismo feminino no extrativismo de PFNMs no Rio Maniva constitui uma estratégia relevante de segurança alimentar, empoderamento e sustentabilidade, ainda que persistam desafios relacionados à renda, qualificação técnica e acesso a políticas públicas.

Palavras-chave: Extrativismo. Mulheres. Produtos florestais não madeireiros. Sustentabilidade. Amazônia.

Abstract:

This study investigated the role of non-timber forest product (NTFP) extractivism in the sustainability of the São José do Rio Maniva community, with emphasis on women's leadership. Thirteen female extractivists were interviewed, and the analysis considered the social, economic, environmental, and cultural dimensions of the activity. Results indicate that seed collection, although a complementary source of income, significantly contributes to women's autonomy, community organization strengthening, and environmental conservation. The study also highlights the appreciation of traditional knowledge and its intergenerational transmission. It is concluded that women's protagonism in the Rio Maniva represents a relevant strategy for subsistence, empowerment, and sustainability, while challenges remain regarding income generation, technical training, and access to public policies.

Key words: Female extractivism. Non-Timber Forest Product. Riverside community. Sustainability. Amazon.

1. Introdução

Entende-se por sustentável o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações em satisfazer as suas próprias necessidades, buscando mudanças de comportamento na forma como os seres humanos se relacionam com o ambiente (Bruno et al, 2018).

Os Produtos Florestais Não Madeireiros - PFNMs são provenientes de diversas fontes, principalmente da flora, tais como: frutos, seivas, gomas, óleos, resinas, fibras, folhas e sementes. Esses produtos são responsáveis pela vivência de milhares de famílias a partir do extrativismo florestal na Amazônia atribuindo fonte de renda e alimentícia (Vinhote, 2014). Grande parte desses produtos servem de matéria-prima não somente de indústrias, mas de valorização da cultura de diversas comunidades, o que tem provocado um crescimento da demanda no mercado nacional por PFNMs.

Quando a sociedade percebe que os limites dos modelos de desenvolvimento dependem de recursos renováveis, cresce o interesse pela sustentabilidade, há uma busca por



mudança, de segurança energética e de novas possibilidades de produção. Dadas as características e potencialidades de cada região, o manejo de recursos florestais se torna um dos principais caminhos para alcançar um desenvolvimento com bases sustentáveis. A extração exclusivamente da madeira como produto florestal vem mudando, tornando-se cada vez mais observado o aproveitamento dos Produtos Florestais Não Madeireiros – PFNMs. Por meio do extrativismo desses produtos, o produtor amazônico insere-se na cadeia global de valor como fornecedor de matéria-prima. Essa introdução acontece, mesmo diante das dificuldades da realidade vivida no universo amazônico onde as adversidades são grandes, com políticas públicas ineficientes e pouca oferta de atividades que estejam ligadas a geração de renda por meio do manejo sustentável dos recursos naturais (Vidal, 2020).

No Brasil a organização e composição do trabalho agrário, sendo ele familiar ou em grupos, traduz-se nas relações de gênero e como consequência relações de poder. Mas apesar desse cenário, nas últimas décadas tanto no Brasil quanto na América Latina as mulheres do Campo, das águas e das Florestas vêm se organizando, questionando e lutando por reconhecimento profissional, por terra, e em busca de visibilidade para seus trabalhos femininos, visto que, provêm segurança alimentar e produtividade para suas famílias. Desde a década de 1980, no Brasil, movimentos sociais femininos passaram a se organizar e criaram movimentos sociais de mulheres trabalhadoras rurais autônomas em diversos estados brasileiros, movimentos que abriram espaços para a participação feminina no rural (Mendes; Neves; Neves, 2014).

Nesse contexto, é importante analisar o trabalho de comunidades extrativistas, relacionando com a sustentabilidade na produção, em suas dimensões social, econômica, ambiental e cultural, objetivando identificar aspectos que possam contribuir para o entendimento do tema, como planos de manejo e conservação dos recursos florestais e ainda entender de que forma a sustentabilidade está impactando a vida das comunidades ribeirinhas.

Para tanto pretendeu-se realizar um estudo na comunidade de São José do Rio Maniva, localidade pertencente ao município do Afuá no estado do Pará. A comunidade vem sendo procurada por instituições ambientais e de pesquisa, pela riqueza natural quase intocada que dispõe, preservando espécies da flora e fauna. Na comunidade está sediada a Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOOMA), responsável pela organização e administração dos PFNMs coletados na região (Maciel, 2021).

O local de estudo foi escolhido pela representatividade feminina expressiva, onde exercem o trabalho extrativista de produtos florestais não madeireiros, como principal fonte de renda. No local, as mulheres coletam açaí e seis tipos diferentes de sementes: Andiroba, Patauá, Murumuru, Ucuuba, Copaíba e Pracaxí, possibilitando uma análise singular a respeito do extrativismo de PFNMs protagonizado por mulheres.

De maneira geral, este trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa exploratória do trabalho extrativista realizado pelas mulheres, e seu ponto de vista sobre sustentabilidade ambiental na Comunidade de São José do Rio Maniva, de modo a embasar a pesquisa maior do projeto a ser desenvolvido posteriormente.

2. Referencial teórico

2.1 Produtos Florestais não-madeireiros (PFNM)

De acordo com a Portaria Interinstitucional n. 001 de 12/08/04 IMAC/IBAMA, os produtos florestais considerados não madeireiros são todos aqueles produtos ou subprodutos de origem vegetal oriundos das florestas, tais como, frutos, sementes, folhas, raízes, cipós,



cascas, resinas e resíduos, que sejam destinados a uso medicinal, ornamental, aromático, comestível e industrial.

O manejo e o uso de PFNM constituem uma alternativa para a conservação das florestas refletindo positivamente no aspecto social, econômico, ambiental e cultural considerando que não há necessidade de derrubar a árvore para a extração desses produtos (Embrapa, 2012). Tem-se o uso sustentável das florestas porque são gerados produtos e serviços para a população, proporcionando geração de renda às pessoas e preserva-se o meio ambiente.

Os PFNMs são de suma importância para as comunidades tanto urbanas quanto rurais, sendo também importantes para a economia já que seus produtos podem ser utilizados na fabricação de remédios, cosméticos, alimentos e outros. Na Amazônia os extrativistas não conseguem um retorno econômico justo na comercialização dos seus produtos, devido as técnicas de extração tradicionais que geram um grande desperdício de matéria prima, além do preço baixo pago por sua mercadoria (Vinhote, 2014). Apesar das dificuldades, extrativistas seguem trabalhando e seu trabalho tem servido de incentivo para outras comunidades e embasando estudos científicos.

Silva et al (2022) relatam que as primeiras pesquisas com o tema de PFNM teve seu início nos anos de 1990 e tem aumentado ao longo dos anos, sendo considerado um tema multidisciplinar. Mas os autores enfatizam que, apesar do aumento de publicações, a quantidade ainda é insipiente considerando a importância do tema, a necessidade de conhecimento, caracterização, propriedades, administração e ameaças, principalmente quando se leva em consideração as altas taxas de devastação das florestas. A discussão nessa temática é essencial para a conservação e uso sustentável das florestas.

2.2 Extrativismo de PFNMs

São encontrados na literatura alguns estudos tratando do extrativismo de PFNMs. Santos (2018) estudou a importância socioeconômica do extrativismo do cambuí na comunidade Ribuleirinha, em Sergipe onde se encontra a Associação de Catadoras de Mangaba do povoado Ribuleirinha (ASCAMARE). A pesquisa foi realizada com mulheres extrativistas que coletam o cambuí, um fruto encontrado na biodiversidade nordestina. Os resultados mostraram que o sistema extrativista da comunidade é simples, constituído por conhecimentos locais e a demanda tem aumentado nos últimos anos, mas economicamente sua comercialização é considerada um complemento para a renda familiar.

Ainda no nordeste brasileiro o estudo de Dias e Pereira (2022) retratou as quebradeiras de coco de babaçu, na comunidade Sítio, localizada no sul do estado do Piauí objetivando entender como o trabalho extrativista afeta a relação familiar. Os resultados evidenciaram que as mulheres iniciam na coleta do babaçu ainda jovens e fazem isso durante toda a vida adulta até a velhice, a quebra de coco de babaçu é a principal fonte de trabalho e renda, o avanço acelerado do agronegócio resulta em disputas por terras que aumentaram durante a pandemia deixando as comunidades do sul do Piauí cada dia mais ameaçadas e submetidas a conflitos.

Vidal (2020) usou uma abordagem qualitativa e quantitativa como método objetivando uma compreensão no processo produtivo da Usina de Extração de Óleos vegetais voltado para a indústria de cosméticos e suas implicações na realidade vivida na Comunidade do Roque localizada na Reserva Extrativista do Médio Juruá, município de Carauari, Amazonas. Como principais resultados foi observado que a usina não possui tratamento para os resíduos gerados, sendo estes estocados em um terreno atrás da Usina. É utilizado uma grande quantidade de óleo diesel para a geração de energia e funcionamento das máquinas no processo produtivo, sendo uma fonte de energia fortemente poluidora. Agências



governamentais ou a própria empresa compradora dos óleos e manteigas, não geram incentivos a uma produção mais limpa e sustentável. O autor sugere novos mecanismos de produção no decorrer do ciclo de extração dessas espécies, produção de outros derivados além de óleos e manteigas e reaproveitando dos resíduos atualmente desperdiçados.

No interior do Pará Pompeu et al (2018) analisaram o uso da madeira da poda agroflorestal como forma de incentivo ao manejo das árvores nos sistemas agroflorestais (SAFs) e fonte de matéria prima para artesanos. Seus resultados mostraram que o uso desse tipo de resíduo madeireiro contribui para a sustentabilidade ambiental, econômica e sociocultural na localidade estudada e cria um canal de comunicação entre agricultores e artesanos.

Para identificar de que maneira se dá a correlação entre as atividades e resultados gerados por mulheres extrativistas e como podem influenciar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a pesquisa de Marcondes et al (2022) estudou duas associações de mulheres extrativistas de frutos do Cerrado, em Anastácio (MS). Os grupos de mulheres extrativistas são a Associação de Mulheres do Assentamento Monjolinho (AMAM) e o Grupo Baru, vindos de assentamentos da reforma agrária, localizado em Anastácio no Mato Grosso do Sul. Os resultados evidenciaram uma forte percepção das mulheres sobre os impactos ambientais e de produção sustentável que suas atividades geram exemplificado pela observação da vegetação nativa sendo restaurada nos assentamentos e a possibilidade de gerar renda para elas mesmas e suas famílias. A ação coletiva dessas mulheres extrativistas é capaz de influenciar no atingimento de diversos ODS. O empoderamento dessas mulheres se reflete em suas famílias, comunidades e território.

2.3 Mulheres extrativistas

As mulheres são grandes responsáveis na produção de alimentos contudo vivem em condições de insegurança alimentar, alguns fatores contribuem para essa insegurança, como falta de acesso a políticas públicas de agricultura familiar, falta de documentação e terra para trabalhar, muitas mulheres apesar de produzir, vivem abaixo da linha da pobreza sendo sujeitas a fome. Com isso passaram a reivindicar por seus direitos exigindo do Estado igualdade de gênero, garantias ao acesso a documentos, a partir dessa luta foram implementados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR), como plano que garante os direitos básicos para as mulheres trabalhadoras rurais entre elas: quilombolas, pescadoras artesanais, extrativistas e indígenas.

Apesar dessa grande luta feminina por espaço na agricultura, enfrenta-se ainda grande dificuldade e inviabilidade dessas mulheres no meio agrícola. Alguns grupos constituídos por extrativistas assentadas na região Sudoeste mato-grossense, composto por mulheres migrantes de várias regiões do Brasil, existe o Grupo das Margaridas, inicialmente cultivavam plantas medicinais e logo em seguida como um meio de arrecadar renda passaram a realizar o trabalho de extrativismo utilizando o bioma local para coleta, realizando o beneficiamento e comercialização de frutos do Cerrado, proporcionando melhor qualidade de vida, renda e tomada de decisão na comunidade agrícola para essas mulheres (Mendes et al, 2014).

3. Materiais e métodos

3.1 Caracterização do estudo

Este estudo é parte do Projeto de Pesquisa intitulado “Extrativismo sustentável na Amazônia: um estudo sobre vivências, práticas e gestão de produtos florestais não-



madeireiros”. O trabalho aqui apresentado pode ser caracterizado como uma pesquisa exploratória, adotando-se uma abordagem quantitativa.

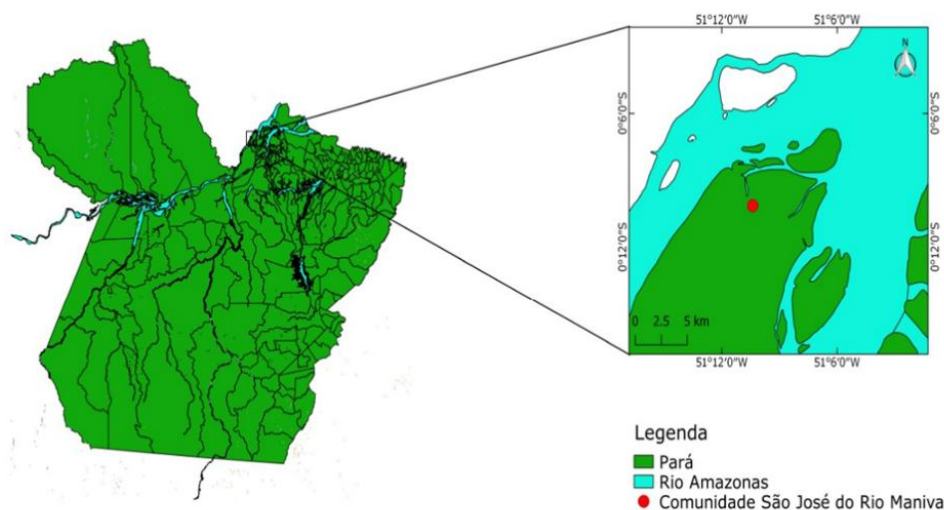
No entender de Theodorson e Theodorson (1970), citado por Piovesan e Temporini (1995), uma pesquisa exploratória consiste em um estudo preliminar com o objetivo principal de se familiarizar com o fenômeno a ser investigado, de modo que o estudo maior, que será posteriormente realizado, possa ser delineado com maior entendimento e precisão. Gil (2007) defende que as pesquisas exploratórias, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Ao longo dos anos o termo “estudo de caso” vem sendo discutido devido a grande quantidade de sinônimos utilizados para sua definição, mas no presente contexto o estudo de caso pode ser entendido como uma quantidade pequena de casos ou casos atípicos com a intenção de revelar uma população maior de casos (Gerring, 2019).

3.2 Local de Estudo

Os dados básicos do trabalho foram coletados junto à comunidade de São José do Rio Maniva. A comunidade fica às margens do rio Maniva no município de Afuá, parte norte-ocidental do arquipélago do Marajó no estado do Pará (Figura 1). Apesar de ser localizada no Pará, a comunidade de São José é muito próxima da capital do Estado do Amapá, por esse motivo os produtos oriundos da pesca e do extrativismo são comercializados através do município de Santana, que se localiza no estado vizinho, que também fornece o atendimento nas áreas de saúde e educação aos moradores da comunidade (Maciel, 2021).

Figura 1 – Comunidade São José do Rio Maniva – Município de Afuá-Pará-2022



A organização da comunidade do rio Maniva é um dos principais fatores dos avanços ambientais que mudou a vida dos ribeirinhos. A comunidade trabalha com o manejo florestal do açaí e realiza o trabalho de coleta extrativista de outros PFNMs além do açaí, que são as sementes encontradas na região, atualmente tem contrato com uma das maiores fábricas de cosméticos do Brasil, a Natura S.A., para qual fornecem sementes variadas como a andiroba, ucuuba, murumuru e patauá, para a produção de cosméticos. O trabalho começou há cerca de 5 anos, reunindo principalmente mulheres. As mulheres da comunidade são na grande maioria as principais coletadoras e trabalhadoras, tornando a comunidade grande com seus trabalhos. Um fato que torna o trabalho feminino um destaque importante.



Uma das conquistas da comunidade para a falta de energia elétrica foi a substituição do motor a óleo diesel e as lamparinas pelos painéis de energia solar. Com a chegada da energia elétrica, é comum nas casas o uso de aparelhos domésticos modernos, como televisores, microondas e celulares, casas de alvenaria se destacam em meio a natureza, novidades adquiridas com o trabalho vindo do extrativismo e a pesca. A internet, disponibilizada pela associação, conecta a comunidade São José do rio Maniva com o mundo (Maciel, 2021).

3.3 Dados

Os dados básicos do trabalho foram coletados junto à comunidade de São José do Rio Maniva no período de março a abril de 2022. Foram aplicados questionários do tipo semiestruturado a 13 moradoras da comunidade, uma amostra, retirada de um total de 30 mulheres associadas, buscando caracterizar o trabalho desenvolvido na região relativo ao manejo e comercialização de PFNMs, bem como analisar a sustentabilidade do trabalho extrativista nas dimensões social, econômica, ambiental e cultural.

Para a dimensão social foram avaliados o acesso a serviços públicos, a participação social e o rendimento da coleta de matéria-prima. Para a dimensão econômica a estratégia de mercado e o faturamento. Na dimensão ambiental foi visto o impacto dos resíduos no meio ambiente e as formas de manejo da vegetação nativa. Para a dimensão cultural foi estudada a valorização dos conhecimentos tradicionais no manejo, a valorização dos alimentos da agrofloreza na dieta local e a valorização das atividades culturais na relação com as agroflorestas.

3.4 Análise de dados

No tratamento estatístico dos dados foram utilizadas técnicas de análise exploratória de dados. Uma vez obtidos os dados, tem-se a necessidade de representá-los de forma ordenada e resumida. Dessa maneira, os dados podem ser resumidos por medidas estatísticas e apresentados por meio de tabelas ou gráficos, que devem ser simples, claros e informativos. Essa representação precisa ser autoexplicativa, ou seja, deve ser entendida mesmo quando não se lê o texto em que estão apresentadas.

Os gráficos constituem uma representação mais fácil de ser entendida do que as tabelas e possuem diversas finalidades, tais como: buscar padrões e relações, confirmar (ou não) certas expectativas que se tinha sobre os dados, descobrir novos fenômenos, confirmar (ou não) suposições e apresentar resultados de modo mais rápido e fácil (Morettin, Bussab, 2017). Todas as figuras e gráficos apresentados foram construídos pelas autoras.

4. Resultados

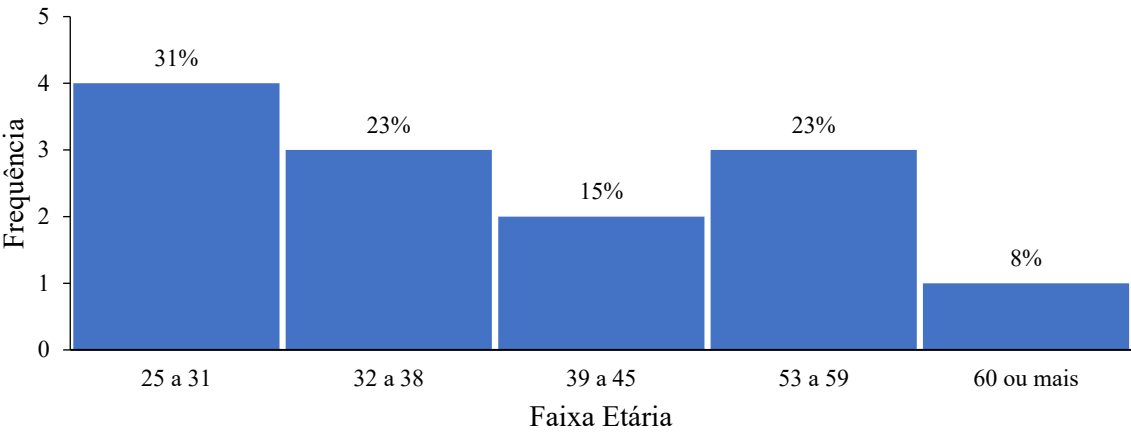
4.1 Perfil das mulheres extrativistas

Para este estudo exploratório foram realizadas 13 entrevistas com mulheres da comunidade, responsáveis pela coleta de sementes. Das 13 entrevistadas 12 são integrantes da Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutias (ADINCOCMA). Observou-se que muitas famílias possuem um pequeno barco a motor, que usam para se locomover na região, o tempo de viagem da comunidade para a cidade Próxima de Santana é de uma hora de barco.

Em relação ao local de nascimento das entrevistadas, verifica-se que grande parte das moradoras nasceram na própria comunidade (46%) e permaneceram no local, sendo as outras nascidas em regiões próximas da comunidade como a capital do estado vizinho, Macapá e no município de Afuá. Todas afirmam viver mais de 18 anos na comunidade e pouco mais da metade das mulheres entrevistadas são solteiras.

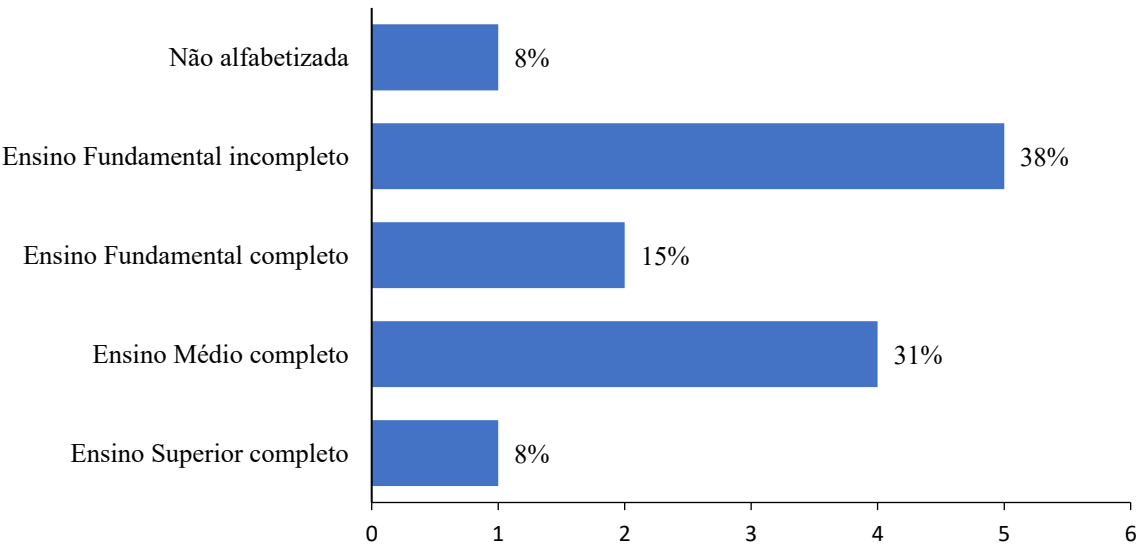
A faixa etária das entrevistadas variou entre 25 e 60 anos, em sua grande maioria nas idades de 25 a 31 anos. A segunda maior faixa etária se encontra entre 53 e 59, no qual se encontram as mulheres que iniciaram o processo de coleta de sementes na comunidade. Na entrevista foi relatado que as mulheres muitas vezes levam seus filhos para ajudar na coleta. (Figura 2).

Figura 2 – Faixa etária das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



Quanto à escolaridade das mulheres da comunidade, 61% possuem baixa escolaridade (até o ensino fundamental) ou não é alfabetizada, conforme pode ser visualizado na Figura 3. Na justificativa elas alegaram necessidade de obtenção de renda, por começarem cedo a auxiliar nas despesas familiares e por não terem tido oportunidade de avançar nos estudos, a característica de baixa escolaridade.

Figura 3. Nível de escolaridade das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022.

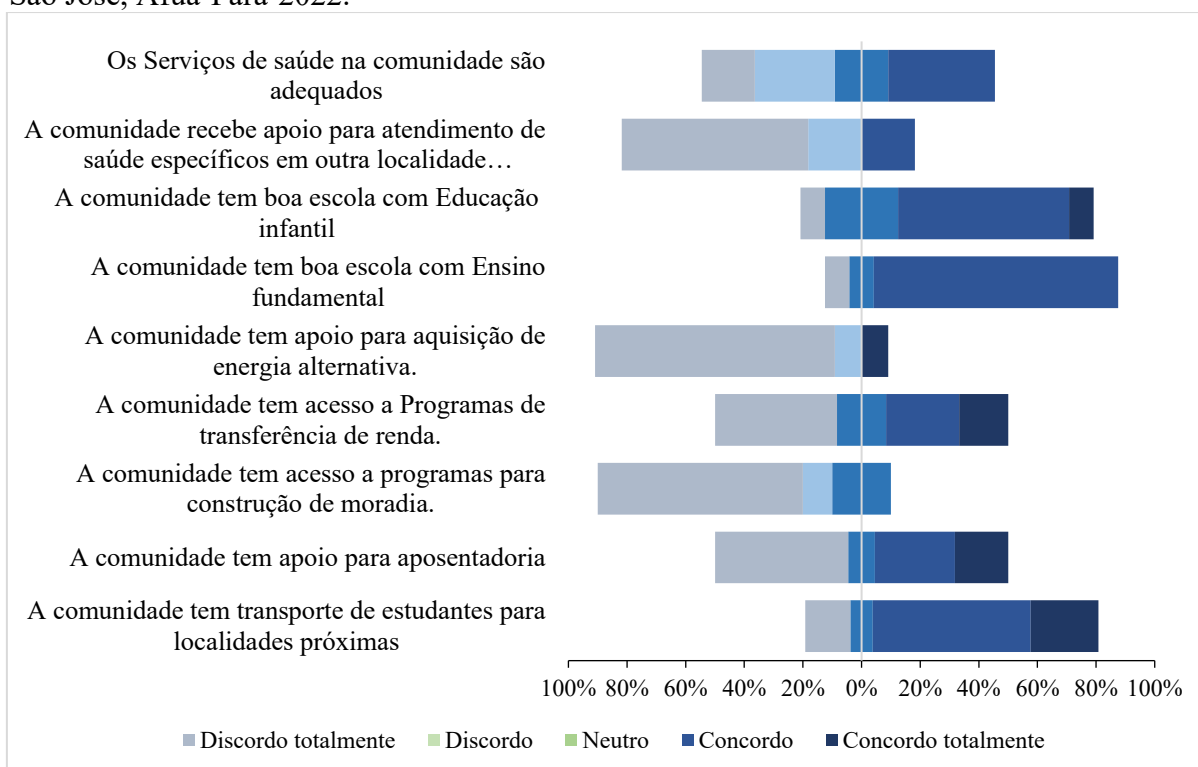




4.2 Sustentabilidade

Em relação a sustentabilidade, as mulheres extrativistas concordam em algum nível, sobre a existência de sustentabilidade no uso das sementes coletadas na comunidade. Quando examinadas as categorias singularmente, observa-se que, em relação à sustentabilidade social, há satisfação total com a qualidade do ensino fundamental na comunidade, especialmente em relação ao transporte escolar. Há concordância parcial de que os serviços de saúde na comunidade são adequados, porém, as mulheres extrativistas, em sua maioria, encontram-se insatisfeitas com o apoio para a aquisição de energia alternativa (Figura 4).

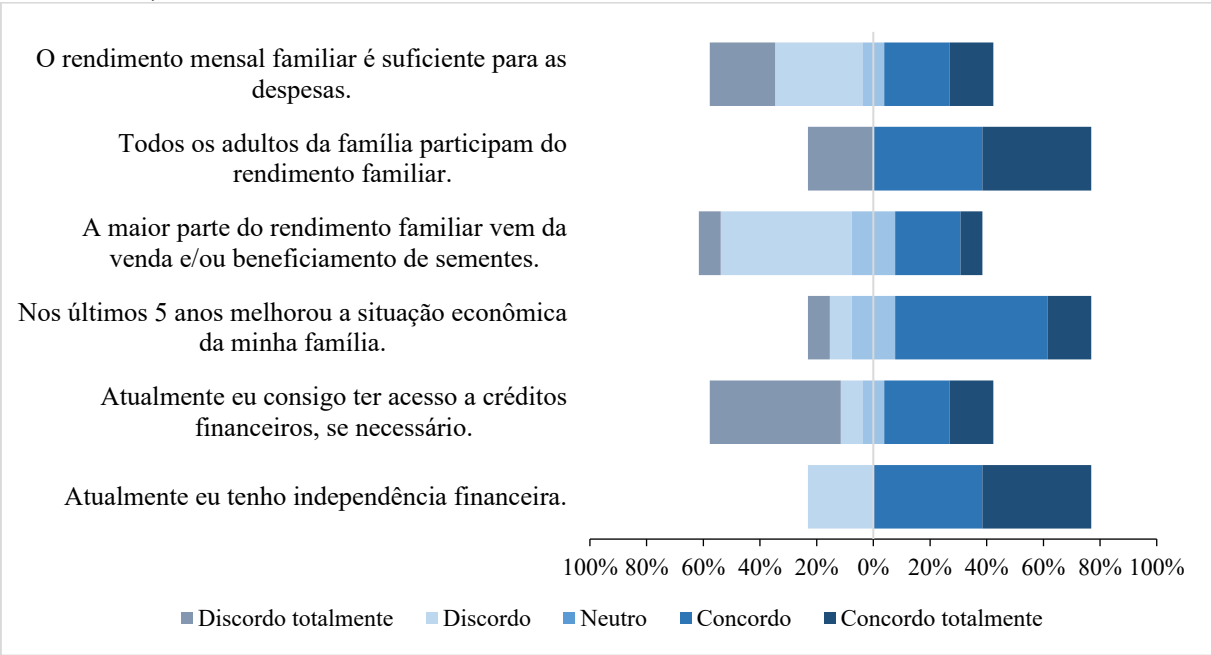
Figura 4. Sustentabilidade social, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022.



Estes resultados demonstram que, apesar do extrativismo de PFNMs ser uma atividade importante sob o aspecto social, já que com a coleta de semente consegue-se a geração de emprego e renda, a comunidade enfrenta dificuldade na organização social das extrativistas, visto que, pode haver melhorias na qualificação profissional e no manejo das sementes feito pelas mulheres da comunidade. Dificuldades na comercialização das sementes devido à demora na liberação dos produtos coletados foi relatado pelas associadas. As extrativistas alegam que o rendimento mensal não é suficiente para as despesas, porém, todos os adultos da família participam do rendimento familiar. A grande maioria afirma que apesar da situação econômica ter melhorado nos últimos cinco anos a maior parte do rendimento familiar não vem da venda e/ou beneficiamento das sementes.

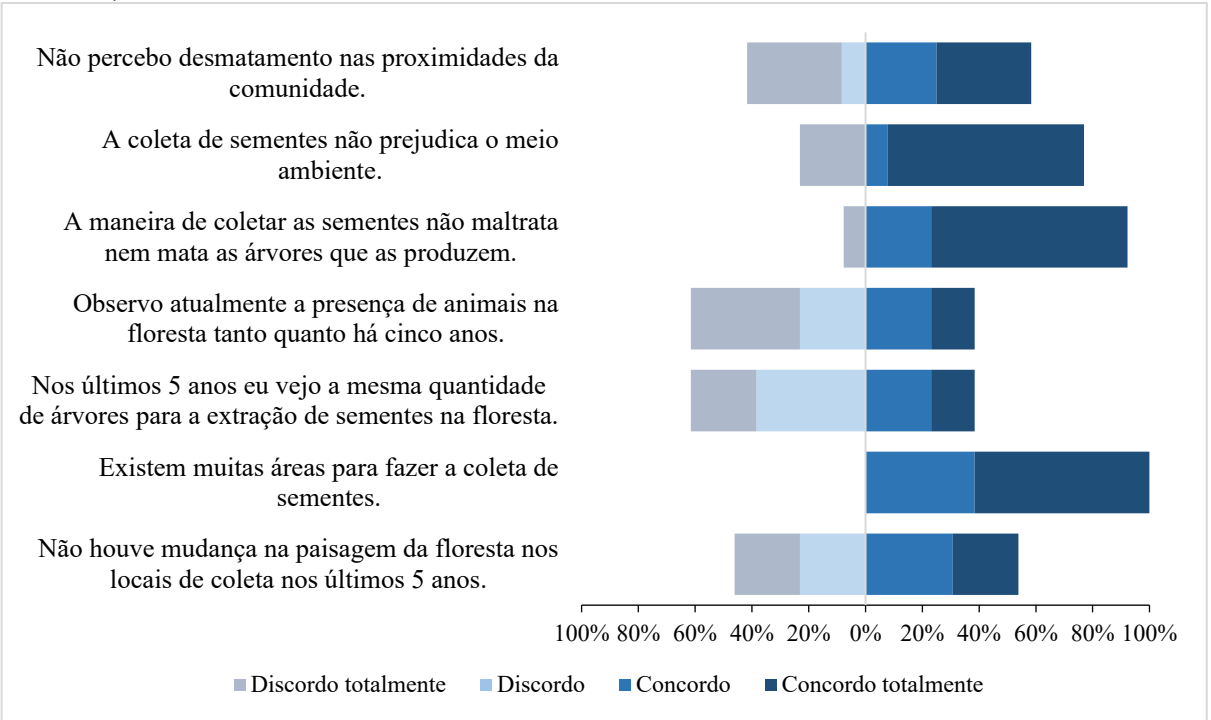
Relativamente à sustentabilidade econômica verifica-se quase total satisfação das extrativistas em relação a independência financeira adquirida pelas mulheres da comunidade, por outro lado, elas não conseguem ter acesso a créditos financeiros quando necessário. (Figura 5).

Figura 5. Sustentabilidade econômica, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022



Em relação a sustentabilidade ambiental relatada pelas extrativistas (Figura 6), a coleta de sementes em sua totalidade não prejudica o meio ambiente, já que a maneira de coletar não danifica as árvores. O desmatamento de áreas florestais pode ser um risco para comunidades que vivem do extrativismo de PFNMs, visto que, as árvores que produzem as sementes, são nativas, ou seja, não foram plantadas pelas mulheres, porém é possível afirmar que não é percebido desmatamento nas proximidades da comunidade do Rio Maniva.

Figura 6. Sustentabilidade ambiental, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022.



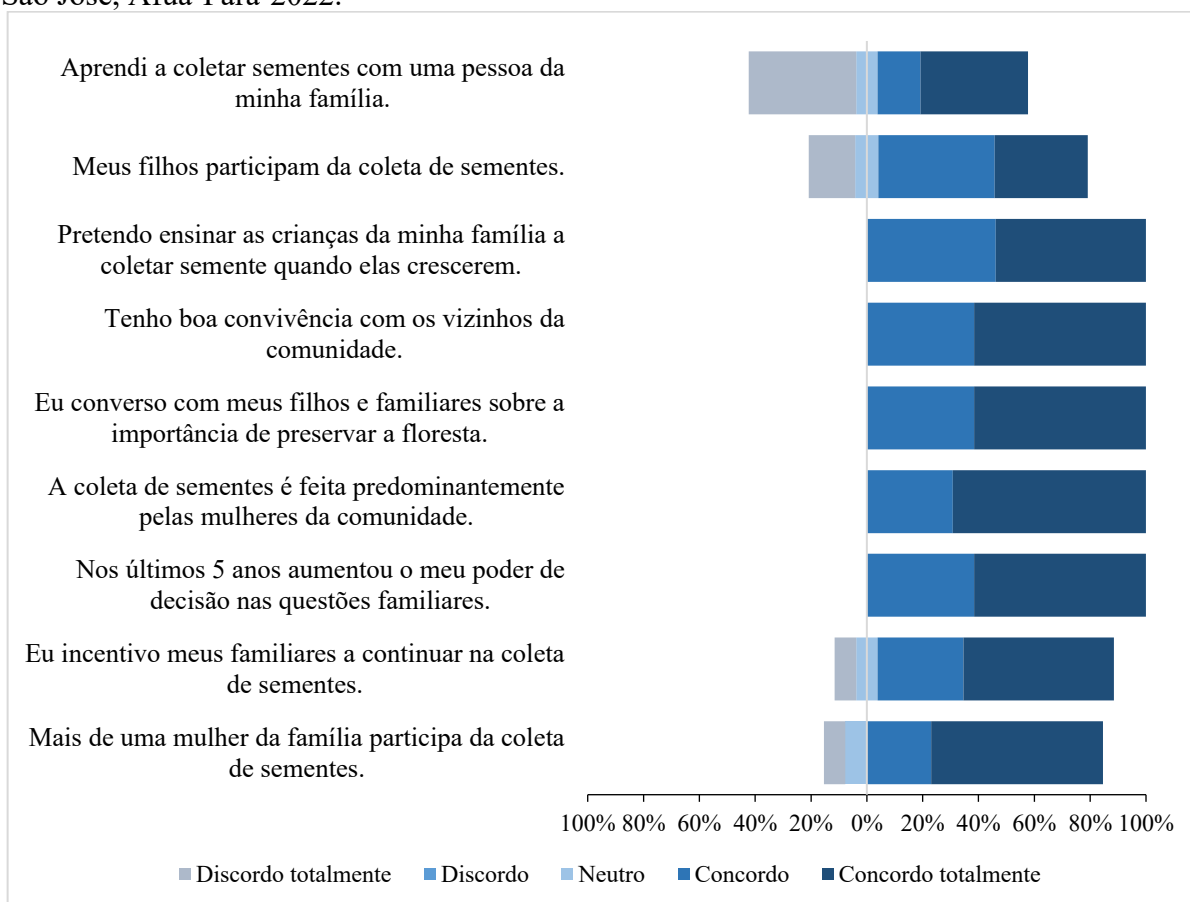


Há total concordância de que existem muitas áreas para se fazer a coleta de sementes e concordância parcial de que quantidade de árvores para extração é a mesma dos últimos cinco anos. Observou-se uma pequena discordância em relação a observação da presença de animais na floresta nos últimos cinco anos.

Na visão das extrativistas a atividade de coleta de sementes é considerada ecologicamente sustentável, já que em suas características nota-se equilíbrio entre a quantidade coletada e a diversidade dos recursos ambientais disponíveis na floresta do qual tem acesso, assim como priorização na utilização de recursos renováveis. Neste cenário, o beneficiamento das sementes na produção de óleos para uso pessoal, juntamente com a coleta feita pelas mulheres da associação não agride o meio ambiente e, por esse motivo é considerada sustentável.

Sobre a sustentabilidade cultural todas as extrativistas afirmaram desejar ensinar as crianças de suas famílias a coletar sementes quando crescerem. Todas afirmaram ter um bom relacionamento social com seus vizinhos de comunidade, afirmam também que conversam com seus filhos sobre a importância de preservar e cultivar a floresta em que vivem, sendo a coleta total e predominantemente feita por mulheres. Com o aumento da renda dessas mulheres o poder de decisão nas questões familiares aumentou nos últimos cinco anos, segundo elas. Com isso, o incentivo de familiares a continuar a coleta de sementes aumentou. Sendo que mais de uma mulher de cada família participa da coleta de sementes. (Figura 7).

Figura 7. Sustentabilidade cultural, sob a ótica das mulheres extrativistas na Comunidade de São José, Afuá-Pará-2022.





5. Considerações finais

O estudo demonstrou que o extrativismo de Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNMs) desempenha papel relevante na vivência e fortalecimento das famílias na comunidade de São José do Rio Maniva, especialmente devido ao protagonismo das mulheres na coleta de sementes. A análise evidenciou que, embora a atividade tenha proporcionado melhorias na qualidade de vida e ampliado a autonomia financeira das mulheres, ainda se configura como complemento de renda, não sendo suficiente para suprir integralmente as necessidades familiares.

A sustentabilidade foi percebida de forma positiva nas dimensões social, econômica, ambiental e cultural. Do ponto de vista social, observou-se a valorização da organização comunitária e o impacto direto no empoderamento das mulheres. Na dimensão econômica, apesar de avanços, persistem desafios relacionados à comercialização, acesso a crédito e à ampliação da renda. Quanto ao aspecto ambiental, a prática mostrou-se ecologicamente equilibrada, uma vez que a coleta de sementes não causa danos significativos às árvores ou à floresta. Já na dimensão cultural, destacou-se a transmissão intergeracional dos saberes, reforçando o vínculo comunitário e a valorização dos conhecimentos tradicionais.

Apesar dos avanços, permanecem limitações que precisam ser superadas, como a baixa escolaridade, a ausência de tecnologias que aumentem a eficiência do trabalho e a dependência de mercados específicos, o que fragiliza a renda. Nesse sentido, políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e do extrativismo sustentável, bem como iniciativas de capacitação e incentivo à agregação de valor aos produtos, podem ampliar o alcance social e econômico da atividade.

Conclui-se que o protagonismo das mulheres extrativistas do Rio Maniva representa não apenas uma estratégia de sobrevivência econômica, mas também resistência e construção de sustentabilidade na Amazônia. O fortalecimento dessas práticas é essencial para a consolidação de alternativas de desenvolvimento que conciliem conservação ambiental, justiça social e valorização cultural.

Agradecimento: As autoras agradecem profundamente às mulheres extrativistas da comunidade São José do Rio Maniva, que gentilmente compartilharam suas experiências, saberes e histórias de vida, fundamentais para a realização deste estudo. Estendemos nossos agradecimentos aos representantes da Associação de Desenvolvimento Intercomunitário dos Rios Corredor, Furo das Chagas, Maniva e Cutininga (Andincocma), Geovani Chaves Facundes e Kátia dos Santos Pantoja, e à jornalista Mariléia Maciel pelo apoio, disponibilidade e contribuição ao processo de pesquisa e diálogo com a comunidade.

6. Referências

BRUNO, N. L.; PROFICE, C. C.; AGUIAR, P. C. B.; FERRAZ, M. I. F. Apego ao lugar e sustentabilidade ambiental em uma comunidade rural do sul do estado da Bahia. **Revista gestão e sustentabilidade ambiental**. Bahia, v. 7, n. 1, p. 207, 2018.

BUSSAB W.O.; MORETTIN P.A. **Estatística Básica**, Saraiva, São Paulo, 9ed, 2017.

DIAS, M. A. M.; PEREIRA, K. A. Mulheres, floresta e extrativismo: modos de ser, existir, educar e resistir de quebradeiras de coco babaçu da comunidade “Sítio” (Cristino Castro, Piauí/Brasil). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG**. v. 39, n. 1, p. 372-394, jan./abr. 2022.

GERRING, JOHN. **Pesquisa de estudo de caso: princípios e práticas** – Vozes, Petrópolis RJ – Brasil, 1ed, 2019.



GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MACIEL, M. **Moradores da comunidade do rio Maniva mostram na prática as lições de sustentabilidade, organização e respeito ao meio ambiente**. Disponível em: <<https://www.mpap.mp.br/noticias/gerais/moradores-da-comunidade-do-rio-maniva-mostram-na-pratica-as-licoes-de-sustentabilidade-organizacao-e-respeito-ao-meio-ambiente>>. Acesso em junho de 2021.

MARCONDES, C. A.; SAES, M. S. M.; NISSIMOFF, P. S. B. S. Ação coletiva de mulheres extrativistas e os ODS. **Encontro Internacional Sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente – ENGEMA XXII**. V.1, ISSN: 2359-1048, novembro de 2022.

MENDES, M. F.; NEVES, S. M. A. S.; NEVES, R. J. A experiência das mulheres extrativistas do assentamento Margarida Alves em Mirassol D’oeste/MT. **Revista Geografia em questão**. v. 7, n. 1, p. 34-39 2014.

MENDES, M. F.; NEVES, S. M. A. S.; NEVES, R. J.; SILVA, T. P. A organização das mulheres extrativistas na região Sudoeste mato-grossense. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Brasil, n. 1, p. 76-77-78 2014.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, Vol. 29, n. 4. 1995.

POMPEU, G. S. S; KATO, O. R.; OLIVEIRA, J.V.; MACIEL, M. C.; Manejo dos sistemas agroflorestais em Tomé-Açu, Pará: Utilização dos resíduos de Poda. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. Pombal-PB, Brasil v. 13, n.2, p.217-228, 2018.

SANTOS, L. R. **Importância socioeconômica do extrativismo do Cambuí (myrciaria sp.) na comunidade Ribuleirinha, Estância - Sergipe**. Trabalho de conclusão de curso (Departamento de Ciências Florestais) - Universidade Federal de Sergipe - Sergipe, p. 58, 2018

SILVA, J. L.; DURIGAN, M. F. B.; **Pracaxi (Pentaclethra macroloba): Arvore com grande potencial extrativista, porém negligenciada no estado de Roraima**. Viçosa MG, 2018. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1104065?mode=full>>. Acesso em junho de 2021.

SILVA, T. C.; ARAÚJO, E. C. G.; LINS, T. R. S.; REIS, C. A.; SANQUETA, C. R.; ROCHA, M. P. Non-Timber Forest Products in Brazil: A Bibliometric and a State of the Art Review. **Sustainability**, vol. 12, n. 17. 2020.

VIDAL, T. C. S. **A Usina do Roque: produção (in) sustentável de óleos e manteigas vegetais para uma indústria de cosméticos na Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Ciência do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, p. 115, 2020.

VINHOTE, M. L. A. **Usos e manejo de recursos florestais não madeireiros em unidades de conservação estaduais na área de influência da BR 319**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia) – Programa de pós-graduação em gestão de áreas protegidas na Amazônia. Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. Manaus, p. 81, 2014.